

COLETANDO MEMÓRIAS, RECICLANDO HISTÓRIAS: A EXPERIÊNCIA DOS TRABALHADORES NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE RECICLADORES DE PORTO AMAZONAS – ARPA (2006-2016)

Mariana Fernandes Siqueira
Universidade Estadual de Ponta Grossa
marianafs2013@hotmail.com

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de História em que buscou-se historiar a constituição de uma associação de recicladores localizada na cidade de Porto Amazonas no estado do Paraná. A pesquisa buscou compreender a construção desse coletivo de trabalho a partir da construção das narrativas dos próprios trabalhadores que são entendidos como protagonistas na constituição da história da associação e dos sujeitos e instituições envolvidas nesse processo.

Trata-se da Associação de Recicladores de Porto Amazonas (ARPA), este coletivo de trabalhadores é um dos empreendimentos assistidos pela Incubadora de Empreendimentos Solidários (IESOL), que configura-se como um programa de extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), atuando no desenvolvimento de ações que objetivam contribuir com a constituição e a consolidação de Empreendimentos Econômicos Solidários (EES), organizados de forma coletiva, dentro dos princípios da Economia Solidária (ECOSOL).

A associação é avaliada positivamente pelo governo municipal da cidade Porto Amazonas e instituições parceiras, se apresentando como uma alternativa para o problema da destinação final de resíduos sólidos no município, e também como forma de geração de trabalho e renda para a população excluída do mercado de trabalho. Assim, são beneficiados os trabalhadores atuando na associação, efetivando a geração de renda aliada a sustentabilidade ambiental. Tais resultados são neste trabalho estudados na perspectiva dos próprios trabalhadores e trabalhadoras.

O município de Porto Amazonas localiza-se na região dos Campos Gerais do Paraná, de acordo com as estimativas do IBGE, a população conta com 4.809 habitantes. O pequeno município tem sua vida econômica marcada basicamente pela agricultura,

pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, entre outros segmentos que movimentam a economia de Porto Amazonas.

O referido município sofre com a escassez de trabalho e, no âmbito das atividades agrícolas, um dos problemas enfrentado é a oferta de trabalho sazonal. O município é popularmente conhecido como a *Terra da maçã* e recebe esse título por ser o 2º maior produtor da fruta no Estado do Paraná, sendo a principal atividade que movimenta a economia local. Inclusive, muitos trabalhadores da ARPA já trabalharam no cultivo da fruta, mas como a oferta de trabalho na produção macieira ocorre apenas em período de safra, especificamente entre os meses de fevereiro a abril, a necessidade de mão de obra se torna escassa em outros períodos do ano.

Enquanto possibilidade de geração de trabalho e renda observa-se que a associação, para além dos ganhos econômicos, tem trazido outras alterações na vida dos trabalhadores a ela vinculados. A convivência em um espaço coletivo de trabalho e de sociabilidades levou-os a modificarem a visão sobre si mesmos e das relações de trabalho que para eles não significa somente garantir a sobrevivência, mas a construção de outros valores e pertencas neste espaço.

Devido à importância que a associação assume no contexto social de Porto Amazonas, reconhecido por algumas entidades, como a própria IESOL, é que buscou-se investigar essa associação tendo como objetivo historiar a construção da ARPA a partir das experiências e práticas individuais e coletivas dos próprios trabalhadores, revelando sujeitos e instituições envolvidas no processo.

Assim, para desenvolver este trabalho optou-se pelo emprego da produção de memórias e narrativas orais sobre as trajetórias e experiências individuais e coletivas desses trabalhadores por meio da história oral, além do uso de documentos da associação e de toda documentação oriunda das atividades de assessoramento desenvolvidas pela IESOL.

A produção das entrevistas foi realizada entre os anos de 2014 e 2015, através do projeto “*Memória, economia solidária e inclusão social de trabalhadores de reciclagem da ARREP (Ponta Grossa) e ARPA (Porto Amazonas)*”¹. Foram entrevistados 14

¹Projeto de Extensão promovido pelo Departamento de História da UEPG que buscou desenvolver dinâmicas de produção de memória e narrativas, por meio de metodologias de história oral e de “rodas de memória”, com trabalhadores e trabalhadoras de recicláveis vinculados à ARREP – Associação de Recicladores Rei do

trabalhadores, sem requisitos de seleção, sendo sete homens e sete mulheres de faixa etária diversificada. As entrevistas foram norteadas por roteiros semiestruturados entre os gêneros distintos, amplamente abertos para livre expressão dos entrevistados, mas com direcionamentos tópicos, tais como: a história de vida, trajetória familiar, experiências laborais na associação e fora dela, bem como, perspectivas e expectativas de futuro.

Os depoimentos permitiram conhecer as histórias de vida e identificar o cotidiano dos trabalhadores e compreender assim, as relações sociais existentes entre estes sujeitos e a estrutura de funcionamento da associação. Importa considerar, todavia, que lidamos com pessoas que, além do relato de experiência de vida, expressaram sentimentos e emoções durante as entrevistas e, estes dois elementos, quando verbalizados, foram fundamentais na construção do conhecimento.

As narrativas revelam a participação desses trabalhadores na história e como isso os afetou, ou ainda, nas palavras de Alessandro Portelli (1997, p.22), "as fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez". A história oral e a investigação histórica nesta perspectiva permitem perceber como esses trabalhadores vivenciaram o passado e como se inserem no presente das entrevistas. É nesse momento que tomamos conhecimento de dimensões da vida dos trabalhadores que são fundamentais para se entender como a trajetória e a experiência de vida dos trabalhadores se relacionam com a formação da associação.

Portanto, perceber as construções dos enredos que os trabalhadores fazem acerca de suas vivências significa trilhar por diferentes trajetórias de vida que recebem novos sentidos devido às experiências do passado. A rememoração das experiências através das lembranças individuais é entendida como a expressão de práticas sociais pelas quais eles se constituem historicamente. Sobre essa reflexão Portelli (1997, p.16) observa que:

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato da História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não

um depósito de dados poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais.

Como observado, as lembranças das vivências experimentadas podem apresentar semelhanças, mas cada vivência possui singularidades. Essa reflexão de Portelli sobre dinâmica das lembranças é fundamental para pensar e compreender os significados subjetivos das experiências bem como a natureza das memórias individuais e coletivas construídas pelos trabalhadores.

Nesse sentido, Edward P. Thompson ao discorrer sobre a importância da experiência e do peso que o passado exerce sobre as disposições presentes dos trabalhadores, argumenta que “toda experiência histórica é obviamente, em certo sentido, única” (THOMPSON, 2001, p.79) . Isto porque a história é inerente do movimento constante dos homens com si próprios e com seu meio social. Thompson (1981) avalia ainda que a experiência serve como fator unificador das ações dos trabalhadores, considerando que na história a formação de uma classe se define de acordo com o modo como tal formação se efetivou. Ou seja, a identidade da classe trabalhadora é construída de inúmeras formas, não se limitando apenas aos trabalhadores e aos meios de produção, mas em um amplo processo de sociabilidades e compartilhamento de experiências.

Seguindo esta linha de raciocínio, entendemos que uma classe existe a partir de um processo histórico que envolve as experiências dos trabalhadores e se define como uma formação social e cultural. Da mesma forma, os trabalhadores da ARPA se constituem como classe por fazerem parte de um grupo em que seus membros partilham interesses e expectativas, seja porque reconhecem a importância do trabalho que desenvolvem para o ambiente onde vivem, ou ainda pela pluralidade de trajetórias e experiências que demonstram características, valores e expectativas próprias.

Memórias, trajetórias e vivências: a experiência dos trabalhadores na formação de um coletivo de trabalho

A Associação de Recicladores de Porto Amazonas é um espaço de trabalho coletivo responsável pela triagem dos resíduos sólidos coletados através de Coleta Seletiva do município e região. Em Porto Amazonas, a política de resíduos sólidos conta com a parceria do Instituto Lixo e Cidadania (ILIX) que atua na região através do projeto *Rede Cataparaná*. Atualmente essa parceria não dispõe de recursos financeiros, mas auxilia em outros âmbitos como, por exemplo, a assessoria contábil da ARPA.

O governo municipal custeava uma empresa que realiza a coleta seletiva em todas as residências, pontos comerciais e órgãos públicos, tanto na área urbana como na área rural, e o material coletado é destinado à associação. No ano de 2010, estima-se que em média 12 toneladas de materiais foram selecionados e encaminhados para triagem na associação, evitando que esses resíduos fossem depositados no aterro Municipal de Palmeira-PR, que era o antigo destino desses resíduos.

Os documentos sobre a associação demonstram a importância da Prefeitura de Porto Amazonas e das instituições de fomento, como a IESOL, na consolidação da ARPA. Entretanto, as narrativas dos trabalhadores versam, sobretudo, de um tempo que antecede os registros e mostram experiências no mundo do trabalho, das relações familiares, das sociabilidades, das batalhas da vida cotidiana e dos sonhos. Alguns realizados, outros ainda não, a partir dos quais estes trabalhadores se assumem como protagonistas na consolidação da Associação.

Cleverson José de Moraes é natural da cidade da Lapa-PR, mas ainda criança mudou-se para Porto Amazonas onde reside atualmente. Em sua narrativa contou que estudou até a sétima série, e aos doze anos começou a trabalhar na produção agrícola de feijão e batatinha. Cleverson teve contato com a reciclagem ainda na adolescência, ele vivenciou todo o processo que antecedeu o surgimento da associação, bem como a fundação e as transformações até então ocorridas. Sobre o processo de formação da ARPA ele recordou:

A iniciativa foi do Adalto, eu não me lembro quando foi [...] se não me engano, foi o tempo que o Brasil começou tudo meio junto esse negócio de conscientização ambiental. Todo mundo tava vendo que a coisa tava ficando feia né?! [...] era trocado alimento por material reciclável, as pessoas passavam nas casas e vinham trocando. Daí começaram a elaborar um projeto pra reciclagem né, aí o Adalto começou a produzir panfletos e folhetos pra distribuir nas casas, tipo: o que era material reciclável e o que não era... mas demorô! Demoro pra turma pega... sabe, demoro, demorou muitos anos, até hoje tem gente que não

aprendeu ainda [suprimido] que aquele material não era pra ser mandado ali.
(Depoimento de Cleverson José de Moraes, 33 anos, gravado em 03 de junho de 2016, s/p.)

A trajetória de Cleverson na ARPA é marcada por idas e vindas, ele contou que em determinados períodos saí da associação para trabalhar no trecho com construção civil, mas sempre acaba retornando. Uma característica importante do conteúdo de sua narrativa, é quando ele se refere às campanhas sobre a reciclagem e separação dos resíduos sólidos que acompanharam o surgimento da Associação, evidenciando assim, a importância da Arpa e dos trabalhadores para a conscientização ambiental dos moradores do município.

Adalto Luiz de Freitas, a quem Cleverson se referiu em sua fala, se apresenta como técnico coordenador da associação, e nasceu em Santo Antônio da Platina, no norte pioneiro do Paraná. Em sua narrativa recorda a infância marcada pela vida rural e sobre como era a rotina ajudando os pais na lida da roça. Conta que ainda com pouca idade, já começou a trabalhar e sempre aproveitou as oportunidades que surgiam, assim trabalhou em diversos segmentos da área agrícola, na pecuária e também na área administrativa. Em meados do ano de 1995, mudou-se para Porto Amazonas, onde inicialmente trabalhou administrando um posto de gasolina, e nesse período também desenvolvia trabalho voluntário em parceria com a Prefeitura na área de esportes. Assim, no ano de 2003, durante a legislatura do prefeito Ademir Scühli (PTB), começou a trabalhar como Secretário Executivo na prefeitura e, posteriormente, como Secretário de Esportes e depois Secretário de Turismo.

Contudo, no ano de 2004, em decorrência das eleições municipais, Porto Amazonas passou por uma mudança de gestão municipal com a eleição do candidato a prefeito Miguel Tadeu Sokulski (PL), ou *Miguel Pepe* como concorreu nas urnas. Momento também marcado pela candidatura de Adalto como vereador pelo Partido Republicano Progressista (PRP), sendo eleito como suplente com 95 votos. Essas oportunidades possibilitaram para Adalto conhecimento do funcionamento dos diversos setores públicos, o que futuramente foi fundamental para a fundação da associação.

Uma das atividades de Adalto em parceria com a prefeitura foi a formação de um grupo de jovens chamado *Grupo de Jovens de Porto Amazonas* (GRUJOPA). No ano de 2001 o GRUJOPA desmembrou-se e fundou o Grupo de Ambientalistas de Porto

Amazonas (GAPA), que atualmente é conhecida como Grupo Ambientalista Rio Iguaçu (GARI).² Nesse contexto, no ano de 2005 foi fundado o Departamento de Meio Ambiente e Agricultura que ficou sob a responsabilidade de Adalto. Sobre esse período, outro fato importante narrado por ele diz respeito a visita do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) no ano de 2004, que resultou no fechamento do *lixão* de Porto Amazonas e deixando a cidade sem local para destinação dos resíduos.

Assim, dentro do departamento de Meio Ambiente e Agricultura, Adalto desenvolveu o projeto *Transformação do lixo em alimento*. A base do projeto era a Moeda Solidária, inspirada por um curso de ECOSOL ofertado pela Agência do Trabalhador, que participou no ano de 2003, sendo esse o primeiro contato com a IESOL. Nas palavras de Adalto:

Ai eu pensei: nossa e agora como eu posso inserir a Economia Solidária no Meio Ambiente?! [...] então eu criei dentro do Departamento de Meio Ambiente o projeto Transformando lixo em alimento. Mas como transformar o lixo em alimento? Eu precisava criar uma identidade pra isso né, daí que eu criei a moeda solidária, que seria a “moeda maçã”. Do lixo que o município produzia, você trocava pela moeda e poderia gastar nos comércios locais [...](Depoimento de Adalto Luiz de Freitas, 49 anos, gravado em 03 de junho de 2016, p. 2.)

Em parceria com o GARI e o departamento de Departamento de Educação e Cultura (DMEC), o projeto passou a realizar ações de incentivo nas escolas do município. A triagem e a pesagem dos materiais coletados eram realizadas pelos adolescentes da Central de Medidas Socioeducativas em um espaço no local que abrigava o Departamento de Meio Ambiente e Agricultura, os adolescentes ao mesmo tempo que cumpriam as medidas socioeducativas eram remunerados com parte do valor da venda dos materiais.

Sobre esse período, ao reconstruir suas memórias, dona Ana Diair Moraes que participou da fundação da associação, nos conta que:

[...] naquela época não tinha o Barracão ainda. Mas eu trabalhava lá embaixo. [suprimido] Quase oito anos que eu trabalho aqui [...] a época lá de baixo era... só eu, minha irmã e outro rapaz lá que trabalhava. Naquele tempo não... tinha nem a balança, não tinha. Não tinha nada disso, era tudo aquelas balancinha pequena. Caminhão também pra descarrega. Nós tinha que ajuda a carrega naquela época,

² Entidade sem fins lucrativos cuja proposta é levar o conhecimento da preservação ambiental para o desenvolvimento sustentável do município de Porto Amazonas e região do alto/médio Iguaçu. Fundada em 2001, após dois anos militando sob o nome “GAPA – Grupo Ambientalista de Porto Amazonas”, em novembro de 2003 mudou sua sigla para GARI – Grupo Ambientalista Rio Iguaçu, em homenagem ao início de suas ações, onde retiravam lixo do rio e. Disponível em: <<http://www.gari.eco.br/>> Acesso em 27 de agosto de 2017.

não tinha... quem carregar, pois era só nós. Acho que mudou muito, nossa! Sempre pra melhor. O que era lá embaixo, não dá pra comparar com aqui. Bem melhor! O ganho também melhorou bastante. (Depoimento de Ana Diar Moraes, 47 anos, gravado em 11 de abril de 2014, p. 13.)

Com narrou dona Ana, o crescimento e o sucesso do Projeto da troca de materiais recicláveis não tardaram. Assim, em parceria com a prefeitura estabeleceu-se a coleta seletiva no município, o que intensificou ainda mais o trabalho de separação de resíduos para reciclagem através de uma campanha de conscientização.

Nos anos de 2004 e 2005 a iniciativa foi contemplada pelo Projeto Objetivo do Milênio proposto pela Organização das Nações Unidas (ONU), que garantiu uma reportagem e divulgação do projeto da moeda solidária. Nesse momento, já eram cinco pessoas que trabalhavam na triagem e pesagem dos materiais, paralelamente, ocorreu o segundo contato com a IESOL que também estava iniciando suas atividades e firmou-se uma parceria. Com o apoio da IESOL foi elaborado o projeto *Rede Solidária: A reciclagem na cidade de Porto Amazonas*, que foi contemplado e propiciou aquisição do barracão que abriga a ARPA atualmente.

Uma das metas do projeto da FBB era a realização de um curso de ECOSOL visando a formação de uma associação. Ao mesmo tempo era desenvolvido no município o projeto de alfabetização *Todas as Letras* promovido pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), assim, as turmas deste projeto foram convidadas a participarem do curso promovido pela Incubadora:

Aí eu chamei esse pessoal do projeto Todas as Letras. Eram trinta, dezessete terminaram o curso e dez vieram pra reciclagem [...] daí lá de baixo [refere-se ao antigo espaço de triagem dos materiais] surgiu a ARPA, foi um processo muito rápido...quase não guarda na cabeça. A Universidade ajudou nós, a Incubadora ajudou e criamos a ARPA o estatuto, aí a gente veio aqui pro barracão, foi em 2007 que agente veio pra cá [...] que daí veio o pessoal trabalha aqui dentro da associação, foi quando a gente começou mesmo. Fazia 100% da zona urbana, 100% da zona rural, tinha bastante material, tínhamos a prensa e comercialização do material... e hoje tamo aí. (Depoimento de Adalto Luiz de Freitas, 49 anos, gravado em 03 de junho de 2016, p. 2.)

Ao tecer suas memórias, a narrativa de Adalto revela a articulação de sujeitos e instituições no processo de fundação da associação que fomentam a associação até hoje, como é o caso da IESOL. A parceria permaneceu através de atividades de assessoramento, o mesmo acontece com os trabalhadores, tendo em vista, que muitos deles começaram a

trabalhar na associação devido a participação nos projetos anteriormente citados que serviram de alicerces para a sua fundação.

Em meio a rotatividade de trabalhadores, de acordo com os registros recentes realizados pela IESOL, a associação é composta por 16 trabalhadores. E é organizada através de uma gestão participativa composta por presidente e vice-presidente, secretaria, tesouraria e um conselho fiscal.

As experiências narradas pelos trabalhadores na ARPA, enquanto uma associação com base nos princípios da Economia Solidária aponta mudanças e particularidades no seu funcionamento. De acordo com o estatuto, a ARPA está instituída juridicamente como uma cooperativa e ao mesmo tempo, está organizada também como associação. Entretanto essa particularidade não implica em diferenças quanto a tomada de decisões, que é feita de maneira autogestionária por meio de reuniões mensais, e sem diferenças hierárquicas entre os associados e cooperados.

Sobre isso, Dona Maria Elizabete Nicolau, ou *Betinha*, como é popularmente conhecida na associação, narrou uma trajetória de vida marcada por enfrentamentos ligados a questões familiares, o que resultou na vinda para Porto Amazonas quando uma amiga lhe apresentou a associação. Betinha contou que trabalha na associação há aproximadamente 5 anos e atualmente ocupa o cargo de presidenta. Sobre a tomada de decisões ela observa:

Sempre nós juntamos todo o pessoal pra sentar na mesa, conversar e por tudo que é certo que é errado, [suprimido]! [...] a gente conversa sobre... É ... eu acho que quase tipo o que eu acabei de falar pra vocês [suprimido]. Assim sobre as pessoas, não sei que as vezes não tá bem com aquela, ou a pessoa que não tá bem com a outra. Colocamos o que tá errado na cozinha, o que tá certo na cozinha, o que tá certo no banheiro o que não tá certo no banheiro, quem limpa, quem deixa de limpar [suprimido], então é assim, nós colocamos todos esses tipos de coisas assim. Ah ... colocamos sobre o negócio da reciclagem também. Que nem ontem mesmo o Adalto veio e conversou com nós, cobrou nós todos: “ó subiu um pouco os material, qual o material”. Tudo isso é dito pra nós sabe, então a gente sempre tem que tá acima de todas as coisas que tá acontecendo sabe. (Depoimento de Maria Elizabete Nicolau, 46 anos, gravado em 09 de setembro de 2014, p.13)

Na ARPA, os associados trabalham individualmente realizando a separação dos materiais em pequenas estruturas improvisadas que são chamadas de “baías de triagem”, que são os locais onde ocorre a separação dos materiais passíveis de serem reciclados. Ao lado barracão existem cerca de 15 delas, são espaços pequenos com aproximadamente 5m² com estrutura de madeira e cobertos com telhas. No interior do barracão outro grupo de

associados desenvolve o trabalho da prensa dos materiais selecionados cujo destino é a comercialização.

Observa-se que a particularidade se dá em relação a organização de produção e divisão de sobras, visto que cada carga de material recebida é encaminhada a um trabalhador, que realiza a triagem desse material individualmente, através de ordem preestabelecida de recebimento entre os trabalhadores. Dessa forma, cada trabalhador recebe por quantidade de material separado individualmente, independente das horas trabalhadas ou do tipo de material selecionado, apresentando assim renda variável para cada um conforme a produção individual.

Ainda sobre o funcionamento da associação, um fator interessante que ganha visibilidade e significado nos depoimentos é o espaço de trabalho, como a cozinha que é um espaço que acontecem as conversas mais sérias durante as reuniões e também os momentos de descontração durante as refeições. E também nas baias de triagem, que são carinhosamente chamadas de *casas* ou *casinhas* pelos associados. Inclusive é comum a personalização destes espaços através da decoração com materiais encontrados durante a triagem, assim, além de ambiente de trabalho as casinhas se tornam um ambiente de sociabilidades e de construção de identidades. As narrativas pareceram detalhar não somente o espaço de trabalho, mas também sobre os sentidos que lhe são atribuídos. A maneira como elas organizam, o cuidado e afeição com a suas *casinhas* denota o sentimento de pertencimento em um espaço, que neste caso, é associação.

Em seu trabalho da memória dona Iva recordou um momento delicado pelo qual passou ao ser menosprezada por trabalhar na associação. Ela apontou que a discriminação contra os catadores acontece principalmente em cidades pequenas, diferentemente do que ocorre nas cidades em que acontecem nos encontros de catadores:

Ela pergunto pra mim um dia, dentro do mercado, acho que foi mesmo pra humilhá: Tá trabalhando lá no lixão? Ela falou. Eu falei pra ela: Eu não to trabalhando no lixão, eu tô trabalhando na associação de reciclável. Mas, acho que é a única também. Porque nós não aceitamos, nós cortamos no começo, não dexamo humilhá muito nós. Porque, na verdade, é só aqui [se refere a Porto Amazonas] que... só aqui não, talvez em outras associações, em outra cidade pequena também, que como recriminado. Mas, aonde a gente vai fazê esses curso que a gente se reúne com bastante pessoas, ninguém recrimina. Só em cidade pequena que recrimina. Então a gente não deixa recriminar, e eu não tenho vergonha de trabalhar aqui (Depoimento de Ilvanir Andretti Visbinski, 52 anos, gravado em 05 de novembro de 2014, p.5.)

O relato de dona Iva define a luta e o processo de formação de uma identidade emancipatória desses trabalhadores que se constitui a partir do momento que começam a refletir acerca da realidade em que estão inseridos, buscando estratégias individuais, coletivas e sociais para superar a condição de exclusão e discriminação que por muitas vezes foram e são expostos por conta da ocupação (COSTA,2016). Considerando relatos semelhantes ao de Dona Iva, observa-se que há também um sentimento de esperança na possibilidade de que o potencial, tanto individual como dos seus pares, seja reconhecido.

Por outro lado, as narrativas também tornam visíveis à trama de experiências sociais relacionadas aos diferentes mundos do trabalho. Assim, ao narrar sobre o trabalho na associação, revela-se outro entendimento a respeito do significado do trabalho coletivo. Em especial relacionado com a convivência, as amizades, os conflitos interpessoais, as motivações e as frustrações de cada um que dão novos significados ao trabalho, principalmente, quando analisados do ponto de vista de agentes protagonistas deste processo. Nas palavras de Betinha:

Eu sou assim sabe, se eu ficar sem vim reciclar eu acho que fico doente. (Risos) Eu não fico em casa mais, eu não consigo ficar em casa. Tem que tá reciclando. Porque é uma terapia reciclar! (Risos) É uma terapia. Tem uma moça que tava trabalhando com nós, uma loira – hoje ela foi embora pra Campo Largo, diz que ela tá pra voltar de volta – ela tinha problema de pressão, ela curou a pressão dela aqui dentro! Ela curou! Por que é uma terapia na hora que você tá começando a reciclar. Lógico que você vê muita coisa sujo, nojento, mas é uma terapia! Você adora ficar separando os reciclado, porque ali você coloca caixinha, papel branco, misto, sabe é tudo ali. Sacolinha, cristal, então ali é uma terapia você vai movimentando tua mente, eu acho que é uma terapia. Aqui reciclando é uma terapia. (Depoimento de Maria Elizabete Nicolau, 46 anos, gravado em 09 de setembro de 2014, p.08.)

Relatos semelhantes ao de Betinha são comuns e revelam os novos sentidos e significados atribuídos ao trabalho na Arpa, nas falas o trabalho aparece como cura para doenças, ou ainda como uma terapia para evitá-las, o que é recorrente na fala de outros depoentes.

Parte expressiva desses trabalhadores já trabalhou na área agrícola, inclusive na produção de maçã do município nos períodos de safra. Em outros períodos, como contam as narrativas, a solução era recorrer a outros segmentos como construção civil, limpeza doméstica e em empresas da região, logo, muitos deles saíram do município em busca de novas oportunidades. Dona Ana lembra em seu depoimento:

Nós começemo com maçã. Nós trabalhava na maçã, sabe? Maçã, raleio. É o que mais de serviço no Porto era isso. Trabalhava de doméstico também nas casa. Mas, mais era maçã. Nós era tudo diarista também, tinha época. Daí tinha época que não tinha. Daí quando não tinha serviço na maçã, a gente ia trabalhá de doméstica nas casas [...]. Daí a gente trabalhava assim. Quando não tinha, às vezes, não achava nas casa também, porque tem época que nem nas casas não tem, né? Daí a gente ia pra batatinha, feijão. Só que lá, era pouca coisa que ganhava, porque lá é serviço mais sofrido. Mesmo assim a gente ia porque precisava. (Depoimento de Ana Diair Moraes, 47 anos, gravado em 11 de abril de 2014, p. 8.)

A fala de Dona Ana relata as diversas experiências de trabalho vivenciadas durante sua trajetória, devido a necessidade de remuneração para sobreviver, revelando como é viver diante do dilema de baixa oferta de trabalho em Porto Amazonas, o que é um fato comum para outros trabalhadores.

Contudo, sabemos que o trabalho, para além de ganhos financeiros, assim como outras atividades humanas, possui uma carga expressiva de significados que entenece na (re)definição de identidades e valores, bem como, dos significados do trabalho, que são associados a valores sociais. Portanto, a experiência nesses trabalhos pode ser observada nesse processo como fazer-se da classe, uma vez que a experiência é tudo aquilo que já foi por eles experimentado, ou seja, a vivência, os acontecimentos e ações dos sujeitos em determinado tempo e espaço e, ao mesmo tempo, o sentido que são a elas atribuído (VENDRAMI, 2006).

Um dos traços marcantes das narrativas é o modo detalhado e afetivo de caracterizar o trabalho na ARPA. Primeiramente por se tratar de um trabalho autogestionário - embora exista a personificação de liderança na figura do Adalto, não existe um patrão cobrando metas e ditando ordens - e a renda é proporcional ao tempo trabalhado e ao produto deste trabalho. Isso tudo, quando comparado a outras experiências, revela um sentido de liberdade que é percebido pelos trabalhadores e demonstrado na subjetividade de seus depoimentos.

A liberdade e o pertencimento que encontram alí é fruto de suas trajetórias de vidas que embora singulares, compartilham as mazelas de viver em uma sociedade na qual uma parcela significativa da população não tem acesso a uma educação formal, condicionada a privação cultural e financeira, vivendo à margem da história. Nesse sentido, há algo bastante simbólico na fala de dona Ana:

Não sei, eu me sinto bem! [suprimido] Quando eu trabalhava na maçã, me dava

com todo mundo, toda vida tive amizade. Mas sei que não é a mesma coisa, me senti como eu me sinto aqui. Porque aqui você tá em casa, tudo unido. Tudo... não que na maçã não seja. Mas acho que, que nem aqui não é. É a mesma coisa que... é a mesma coisa que ser uma família, a gente tem amizade, conversa. Eu não me vejo mais em outro lugar. É aqui mesmo! (risos). (Depoimento de Ana Diar Morais, 47 anos, no dia 04 de novembro de 2014, p.05)

Interessa destacar como a narrativa de dona Ana, assim como a de outros trabalhadores, revela o fato de que alí na associação eles se sentem bem consigo mesmo, porque se reconhecem como indivíduos, como trabalhadores e até mesmo como uma família. Ao constituírem esse modo de se relacionar com a associação, vão também forjando novos valores, sentidos e crenças a partir de suas vivências, das sociabilidades com os amigos e colegas de trabalho.

Entretanto, apesar dessa relação afetiva, quando falaram sobre suas perspectivas de futuro alguns, principalmente os mais jovens, contaram que almejam trabalhar em outros segmentos. Edson além de relatar a pretensão em se adaptar em um novo emprego que lhe propicie melhores condições financeiras, contou ainda que um dos enfrentamentos que se deparou nessa trajetória foi o preconceito sofrido por conta da ocupação, mas que com o passar do tempo e com a conscientização das pessoas, isso tem se tornado menos frequente, em suas palavras:

Ah, hoje... se caso falarem... que você... “o cara é lixeiro, mexe com lixo” isso e aquilo [suprimido] A gente já pode falar que a gente não mexe com lixo. A gente mexe com reciclável. Tá fazendo um trabalho bonito, tá limpando a cidade [suprimido]. Então, eu acho que hoje mudou, nossa, muita coisa (Depoimento de Edson Mauricio Moraes, 23 anos, gravado em 11 de agosto de 2014, p. 09).

Na fala de Edson é perceptível o reconhecimento que os trabalhadores constroem a respeito da profissão de catador, na verdade o fato de reconhecerem a importância da profissão é um aspecto tão forte que constrói uma representação do que eles são. Da mesma forma que o trabalho não se isola de outras esferas da vida, a casa, o trabalho e os amigos agrupam-se no tecido das relações sociais que os trabalhadores experimentam cotidianamente (COUTO,2013).

Assim, as narrativas dos trabalhadores sobre a vida dentro e fora do ambiente de trabalho permitem conhecer a pluralidade de vivências que revelam divergências, mas também características comuns, como o reconhecimento da importância do trabalho que

desenvolvem para a sociedade e as perspectivas de um futuro melhor, para alguns dentro da associação e para outros fora dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da ARPA, contada a partir das perspectivas dos trabalhadores, revela a trama de sujeitos, experiências e instituições envolvidas na constituição da associação e permite reconhecer os papéis como protagonistas e sujeitos históricos que os trabalhadores assumem nesse processo. Ao analisar os depoimentos e o confronto das diversas experiências nos mundos trabalho, é possível perceber a multiplicidade de significados que são atribuídos ao trabalho desenvolvido na associação que foi construída pelos próprios trabalhadores, desde o processo que antecedeu a sua fundação até os dias hoje, tendo em vista que, mesmo com o apoio das instituições de fomento, são os trabalhadores que garantem o funcionamento da ARPA e acrescentam novos sentidos a ela.

Mesmo organizados sob a forma de uma associação, esses trabalhadores e trabalhadoras ainda não se encontram totalmente inclusos na visibilidade social e permanecem presos ao estigma da exclusão. Porém, entende-se que esses sujeitos, no decorrer da organização da ARPA, foram se distanciando do processo de silenciamento instituído pelas experiências sociais anteriores, e com isso foram e continuam adquirindo a formação de uma consciência crítica de sua existência na sociedade. Este processo está alicerçado na apropriação de saberes, como os de organização coletiva e do reconhecimento que o trabalho que desenvolvem está inserido na questão ambiental.

As narrativas revelam passados com características bastante comuns na trajetória desses trabalhadores: a origem rural, da iniciação no trabalho agrícola ainda na adolescência, do baixo grau de escolaridade, da privação cultural e financeira a que estiveram condicionados ao longo da vida. Assim, a maioria desses trabalhadores migrou para outras cidades da região buscando melhores oportunidades e alguns chegaram a ter acesso ao trabalho formal, outros passaram por um processo de desligamento dos trabalhos formais e não conseguem mais retomá-los, seja pela idade avançada ou pelo sentimento de pertencimento que construíram dentro da associação.

Os depoimentos não se constituem somente em uma versão descritiva sobre as trajetórias de vida desses trabalhadores, muito mais que isso, sugerem a luta pelo

reconhecimento e divulgação de trajetórias de sujeitos históricos que, de outro modo, permaneceriam ofuscadas pela hegemonia da memória social. Não há, entretanto, a pretensão de se esgotar essa discussão aqui, mas de reconhecer a complexidade dessa realidade que está situada no campo social e ambiental, e pontuar a necessidade de se abordarem diversos olhares para interpretá-la e compreendê-la à partir da voz dos trabalhadores.

Referências Bibliográficas:

COUTO, G. A. **Aprendizagem social e formação humana no trabalho cooperativo de catadores (as) em São Paulo**. Dissertação. (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação de São Paulo, São Paulo, 2012.

COSTA, C. M.; PATO, C. **A constituição de Catadores de Material Reciclável: a identidade estigmatizada pela exclusão e a construção da emancipação como forma de transcendência**. In: PEREIRA, B. C. J. ; GOES, F. L. (orgs.). **Catadores de Materiais Recicláveis: um encontro nacional**. Rio de Janeiro : Ipea, 2016.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. In: Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 15, abr.97.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria: ou um planetário de erros**. In GOHN, M.G. **Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo, Edições Loyola, 1997.

_____. **O termo Ausente: Experiência**. In: _____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. NEGRO, A. L. e SILVA, S. (org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

VENDRAMINI, Célia Regina. **A contribuição de E. P. Thompson para a apreensão dos saberes produzidos do/no trabalho**. I Jornada de Estudos sobre Produção e Legitimação de Saberes no/do Trabalho. Educação UNISINOS. vol. 10, n. 2, maio/agosto 2006.

Disponível em <revistas.unisinos.br/index.>index. Acesso> acesso 17 de junho de 2017.